



## **Tá tudo dominado: a institucionalização da capoeira**

Figueiras Joanna De Paula

Durante minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo escolhi como tema o esporte buscando compreender seus significados

na sociedade contemporânea. A produção de estudos e pesquisas sobre o esporte no campo das Ciências Sociais, em particular na Antropologia, é bastante recente.

A sociologia, talvez por ter sido institucionalizada primeiro, foi pioneira em tentar estudar esse assunto de maneira mais aprofundada. A partir da década de

70, sociólogos como Pierre Bourdieu e Norbert Elias escolhiam o esporte para suas análises, e maior parte daqueles que procuraram pensar o esporte, tanto nas Ciências Sociais como na educação física, procuraram fazê-lo a partir das interpretações de P. Bourdieu e N. Elias.

No campo da Antropologia, R.Sands<sup>1</sup>, resgata alguns dos poucos trabalhos produzidos e faz uma cronologia da contribuição desta área do conhecimento ao estudo do esporte. Além de sugerir que existe uma preocupação maior da sociologia por conta da liderança nas pesquisas em geral, o autor chama a atenção para o estudo de Raymond Firth "Competição de dardos em Tikopia: um estudo da sociologia do esporte primitivo" (1931) que relaciona a competição de dardos com a organização social e com as crenças religiosas em Tikopia. Na conclusão de seu trabalho Firth sugere que o esporte é um vasto campo de pesquisa que merece mais atenção (SANDS, 1999).

Marcel Mauss, em 1936 no seu artigo "As técnicas corporais", apontava para a necessidade de "um estudo sobre o modo como cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo". As técnicas corporais não deveriam ser tratadas como fúteis ou supérfluas, pois "uma multidão de pormenores inobservados, e que há que observar compõe a educação física de todas as idades e dos dois sexos". Segundo C. Lévi- Strauss na sua introdução à obra de Marcel Mauss<sup>2</sup>:

Ninguém, na verdade, abordou ainda esta tarefa imensa cuja urgente necessidade era sublinhada por Mauss e que consistia em fazer o inventário e a descrição de todos os usos que os homens no decurso da história, e, sobretudo através do mundo, fizeram e continuam a

fazer de seus corpos. De acordo com C. Lévi-Strauss, o estudo do esporte é mais importante do que se imagina, apesar de ser apenas uma parte das condutas apontadas por M. Mauss.

Já na década de 70, Clifford Geertz em "Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galo balinesa", mostra como, graças a sua participação nesse jogo nativo, ele foi aceito pela comunidade balinesa que até então o ignorava. No episódio narrado por Geertz podemos visualizar o envolvimento dele enquanto espectador para ter a mesma reação que os nativos, mostrando todo o poder simbólico que a briga de galo tem entre os balineses. No Brasil, já existem contribuições de antropólogos para esse tema (DaMatta; Lahud; Leite Lopes; Rial; Zaluar entre outros).

Pierre Bourdieu, em *Como é possível ser esportivo?*, admite a existência de um "campo esportivo" que possui uma lógica própria, e teria sido definido no curso de uma história social do esporte que legitimaria uma ciência social do esporte. O "campo esportivo", para Bourdieu, é um lugar de lutas e de disputas pelo monopólio da definição e da função legítima do esporte, portanto jamais é desinteressado.

O papel da ciência social do esporte é analisar a variação de significado e de função que as diferentes classes sociais dão aos diferentes esportes. É nesse sentido que os jogos produzidos pelas classes populares são apropriados e transformados no ethos dos dominantes, retornando ao povo em forma de espetáculo.

E também nesse ensaio, como nos mostra J.S.L. Lopes<sup>3</sup>, que Bourdieu ao salientar "o papel de ruptura da escola na gênese dos esportes modernos", apresenta a escola como "a instituição por excelência do exercício dito gratuito (...) onde as práticas dotadas de funções sociais (...) são convertidas em exercícios corporais, atividades que passam a ser um fim de si em si mesmas, submetidas a regras específicas e inseridas em um calendário próprio"<sup>4</sup>. Portanto, dessa maneira, vão se diferenciando dos jogos populares.

Apesar dos estudos de Norbert Elias e Eric Dunning sobre o esporte só terem sido publicados na década de 80, sob o título de *Quest for excitement; Sport and leisure in the civilizing process*, a aproximação ao tema se deu no fim dos anos 50 "quando Elias orientou a dissertação de mestrado de Eric Dunning sobre o esporte e o lazer"<sup>5</sup>. Na sua tese, Dunning estabeleceu que o futebol e o rugby, assim como as principais formas do futebol moderno, desenvolveram-se como parte de um "processo civilizador", termo proposto por Elias. Dunning<sup>6</sup> ressalta a importância das discussões com Elias porque, na época de elaboração da sua dissertação de mestrado, a sociologia do esporte estava na sua infância, e muitos colegas riam ou menosprezavam o tema de seu trabalho.

No prefácio da edição inglesa publicada em 1986, Dunning chama a atenção para a questão do esporte e lazer serem negligenciados pela pesquisa sociológica, e critica a tradição sociológica incapaz de lidar com a relação corpo-mente, ainda amarrada numa dicotomia, sempre tratando o tema esporte como um subproduto do trabalho, limitado ao

corpo sem associá-lo à dimensão política ou econômica da sociedade. O autor aponta que as críticas feitas ao trabalho de Elias são originadas da limitação da teoria sociológica que insiste em trabalhar sobre a ótica da dicotomia "trabalho-lazer", favorecendo tendências que indicam apenas o lado negativo do fenômeno esportivo. Dessa maneira, chama a atenção para a elaboração de uma teoria mais adequada para se pensar o lazer não só em sua relação ao trabalho, mas como também às rotinas de hora livre.

Elias, além de indicar o esporte como uma das etapas do processo civilizador, ressalta a paixão que envolve praticantes e espectadores. "O prazer da prática ou do espetáculo esportivo deve-se não ao descanso e ao relaxamento, proporcionados por uma situação de lazer (...), mas à excitação e à tensão produzidos pelo enfrentamento individual ou coletivo de corpos (...)"<sup>7</sup>. Entretanto, quando a tensão na sociedade é tão elevada que os controles individuais de violência se tornam ineficazes e uma parcela da população adere à violência, existem possibilidades de ocorrência de processo de 'descivilização'<sup>8</sup>. Em O processo civilizador, Norbert Elias demonstra como o aumento da dependência entre as pessoas, gera uma necessidade cada vez maior de regulamentação e, para que as relações sejam mais estáveis, é preciso controlar as emoções.

Por conta disso, a racionalidade permeia todas as atividades da vida social, pois é a racionalidade que controla a paixão; mas no entanto só a paixão quebra a racionalidade.

Este artigo é resultado da pesquisa que realizei para elaborar minha monografia de fim de curso, a partir de um estudo de caso do Curso de Extensão de Capoeira da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) procurei problematizar a questão da institucionalização da capoeira com a seguinte pergunta: porque a capoeira, apesar de estar vinculada à UFES desde 1977, enquanto curso de extensão, jamais foi absorvida como disciplina optativa pelos currículos desta instituição? Percebe-se então dois conflitos, um externo à Instituição (devido a fragilidade de se legitimar a capoeira como esporte), e outro interno à UFES (devido a recusa em legitimar a capoeira como possível disciplina para seus currículos). Para evidenciar o primeiro conflito, contextualizo a situação da capoeira em relação à sua institucionalização<sup>9</sup>, traçando um panorama que do âmbito mais geral chega ao contexto local, ilustrando suas particularidades no Brasil, no Espírito Santo e no Curso de Extensão da UFES. E para evidenciar o segundo conflito recorro à pesquisa que realizei, utilizando as entrevistas qualitativas com docentes do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) e Mestres de capoeira, e também entrevistas quantitativas (com algumas respostas semi-abertas) com alunos de Instituições de Ensino Superior (IES) que praticam capoeira.

Acredito que o primeiro ponto a se frizar diz respeito ao caráter multidimensional da capoeira, que é definida como dança, arte, luta, esporte, jogo, etc. enfim, caráter esse que permite que ela "mude de cor conforme a razão"<sup>10</sup>. E a fragilidade de se esportivizar a capoeira

vem também dessa dificuldade em defini-la, afinal, tratando-a apenas como esporte muitos de seus elementos são ignorados, o que acaba por significar uma mudança considerável em termos de sua natureza. Outro ponto ao qual deve-se ter atenção é em relação à origem da capoeira.

Existem verdadeiras lendas, histórias que acabam se sedimentando por falta de informações a respeito do período que é identificado como o tempo dos começos. Acredita-se que a capoeira tem suas origens nos quilombos e senzala, é esta versão que deve ser entendida como seu mito de origem, pois é nele, apesar de todas as mudanças em sua trajetória dentro da sociedade, que a capoeira se fortalece e justifica. Devido a sua origem subalterna, a capoeira é tratada como prática marginal até ser incorporada pelo Estado Novo como um símbolo de identidade nacional. Vargas, em 1954, apresenta a capoeira como o "único esporte verdadeiramente nacional".

A busca pela legitimidade, que livrasse a capoeira do estigma marginal, vem desde Pastinha e Bimba<sup>11</sup> buscando aliança com o esporte. Bimba funda no início da década de 30 o "Centro de Cultura Física e Capoeira Regional", e Pastinha em 1941 funda o "Centro Esportivo da Capoeira Angola". Mesmo o processo de esportivização da capoeira tendo se consagrado na década de 70, ainda se tenta regulamentar a situação da capoeira<sup>12</sup>.

Nos dias 15, 16 e 17 de agosto deste ano (2003), aconteceu em São Paulo o I Congresso Nacional de Capoeira que estimulou a organização de Congressos Estaduais que o antecedessem (que teve como um de seus objetivos a intenção de mobilizar os capoeiristas para propor Políticas Públicas ao governo). O Congresso Nacional teve dois principais (e antigos) desafios: "consolidar um retrato da capoeira no Brasil (...) e elaborar propostas que aperfeiçoem sua prática"<sup>13</sup>, e mais uma vez, por meio do Ministério de Esportes. Apesar do Informativo do Congresso assegurar a presença dos ministros da Cultura, da Educação e do Esporte, nenhum deles estava presente no Congresso. No entanto, o Ministério do Esporte estava muito bem representado por seus secretários, o que não aconteceu em relação aos outros dois Ministérios. As delegações estaduais trouxeram suas propostas, mas aquelas que foram votadas e oficializadas pareciam ser cartas marcadas há muito tempo. A regulamentação via CONFEF/CREF<sup>14</sup> foi negada por unanimidade pelo Plenário. No entanto, me parece que as propostas que foram votadas tinham muito mais haver com a fala do deputado Luiz Antônio Fleury Filho<sup>15</sup> do que com aquelas das delegações. Os resultados provocaram uma certa euforia em capoeiristas que viam na queda do sistema CONFEF/CREF seu objetivo maior; o que acabou distraindo a atenção para a maior associação da capoeira como esporte do que como patrimônio cultural. As palavras 'diversidade' e 'cultura' pareciam ser usadas como meio de manipulação para consolidar o retrato da capoeira como Desporto de Criação Nacional.

Ora, não é de se estranhar que a capoeira, uma prática marginal por tanto tempo, busque legitimidade por intermédio de instituições desportivas, e também de ensino.

Afinal, parafraseando Foucault, "a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem"<sup>16</sup>. E o esporte é a forma institucionalizada da cultura corporal, procurando englobar as formas populares de maneira legítima.

O paradoxo que surge dessa relação com o saber institucionalizado é o risco de esquecimento de muitas das suas particularidades em troca de uma melhor visibilidade na sociedade.

Sobre a capoeira capixaba pouco se sabe do período anterior à década de 70, mesmo o Espírito Santo estando localizado geograficamente entre dois dos maiores centros históricos da capoeira (a saber, Bahia e Rio de Janeiro). A bibliografia sobre o assunto é demasiadamente escassa<sup>17</sup>, por isso o trabalho de campo foi indispensável para levantar fontes de referências, principalmente as narrativas coletadas junto aos principais atores desse processo<sup>18</sup>. A partir da análise das narrativas procurei compreender o ponto de vista do nativo a respeito da difusão da capoeira no Espírito Santo. Esse material logo se revelou incoerente, revelando conflitos de interesses e fazendo transparecer o campo de tensões que existe entre os diferentes grupos de capoeira no Espírito Santo.

São os depoimentos dos Mestres mais antigos, que começaram a treinar no fim da década de 60 e início de 70, que fundamentam o saber regional sobre o assunto.

Portanto, o que escreverei nessas linhas será baseado nos trabalhos citados e nas versões destes capoeiristas mais antigos em relação à trajetória da capoeira em terras capixabas. Tais versões foram obtidas por meio das entrevistas que realizei, das entrevistas que vão em anexo no trabalho de C.H. Vieira e da palestra realizada no Centro de Educação Física e Desporto da UFES proferida pelo Mestre Fábio Luiz Loureiro, no decorrer do evento de batismo e graduação do Grupo Beribazu, no ano de 2000. Nessa palestra os Mestres Luiz Paulo e Odilon foram entrevistados por Mestre Fábio, o registro de suas perspectivas sobre a trajetória da capoeira foi utilizado como uma importante fonte de referência.

A maior parte dos depoimentos a respeito dos primórdios da capoeira no Espírito Santo identifica sua associação ao samba de Vitória, do bairro de Jucutuquara.

O Mestre Odilon chama a atenção para uma presença da capoeira desde 1964, ensinada por Coelho (em Jucutuquara e também ligada ao samba). Mas é a versão contada pelo mestre Luiz Paulo que encontra mais escuta: o capixaba Nerci Cardoso foi o pioneiro, teve contato com a capoeira no Rio de Janeiro e em 1970, de volta ao Espírito Santo, num desfile de carnaval da Escola Unidos da Piedade, que teve como tema a Bahia, ele e seu amigo Salomão representaram a capoeira.

A escola venceu, e algumas pessoas passaram a ter interesse em aprender a capoeira.

Esses primeiros capoeiristas tiveram influência do livro de Lamartine Pereira da Costa, *Capoeira sem mestre*<sup>19</sup>. Nerci se afastou da capoeira e Julimar Ferreira Lopes, conhecido como Binho, deu continuidade ao seu trabalho.

O depoimento de Luiz Paulo, no decorrer da palestra acima citada, apresenta a capoeira no Espírito Santo como tendo três raízes, ligadas aos Mestres Diabo-Louro, Caio Resende e Odilon. Em 1973 o Estado recebeu a visita de um baiano conhecido como Diabo-Louro, que se apresentou como aluno de mestre Bimba<sup>20</sup> e, segundo Luiz Paulo, foi ele quem apresentou a capoeira nas versões Angola e

Regional<sup>21</sup>, introduzindo perspectiva diferente daquela apresentada por Lamartine Pereira da Costa. Binho e seus alunos passaram a treinar com Diabo-Louro, que dava aula em Jucutuquara e também no clube da burguesia capixaba, Praia Tênis Clube. Foi a partir desse momento que a capoeira virou moda, recebeu muito apoio pelo Praia Tênis Clube, sendo praticada pelos filhos dos diretores, assim a capoeira era apresentada para uma outra camada da sociedade, ampliando seu campo de aceitação na sociedade local.

Caio Resende, natural de Muqui ( ES), voltou do Rio de Janeiro em 71. Caio Resende começou a trabalhar como mestre de capoeira somente em 77, época em que Odilon e Luiz Paulo inserem a presença de Caio nas suas narrativas<sup>22</sup>. Depois de sua morte, o aluno Bininha, já na condição de Mestre, passou a ser o responsável pelo grupo Quilombo Queimado. Quando Diabo-Louro deixou o Estado, em 1976, seu aluno Binho não buscou expandir seus conhecimentos na Bahia: a viagem que fez para a Bahia com seus alunos, entre eles Luiz Paulo e Capixaba<sup>23</sup>, parecia ter mais um perfil turístico; mas sim no Rio de Janeiro, onde eles foram treinar, buscando o conhecimento sobre capoeira com o grupo Senzala<sup>24</sup>. Assim, tanto aqueles que tiveram influência de Diabo-Louro, como os que tiveram influência de Caio, aprenderam a capoeira, se formando no Rio de Janeiro. No caso de Caio Resende a influência da Federação de capoeira do Rio de Janeiro foi maior do que a do grupo Senzala.

Diferente foi o percurso trilhado por Odilon, que aprendeu a capoeira "didaticamente", como ele gosta de lembrar, em Brasília. Entretanto, o grupo Beribazu, mesmo tendo suas origens em Brasília, também recebeu influência do Rio de Janeiro: Mestre Zulu, fundador do grupo, foi, por sua vez aluno de Tabosa, do grupo Senzala em Brasília. Por conta disso, Odilon chegou a classificar, sempre na ocasião da palestra acima citada, o grupo Beribazu como uma "raiz terciária" do grupo Senzala<sup>25</sup>.

Apesar da cidade de São Paulo ser pioneira no processo de institucionalização da capoeira (no que concerne a criação da primeira federação de capoeira), e da Bahia ser muitas vezes clamada como berço da capoeira, foi o Rio de Janeiro que teve uma maior influência no processo de disseminação da capoeira no Espírito Santo. Num

encadeamento de influências, o Rio influenciou Brasília, que influenciou o curso de extensão da UFES. Assim, o grupo Senzala, que teve um papel bastante importante na difusão da capoeira no Espírito Santo, influenciou inclusive o grupo Beribazu, grupo originário de Brasília. Como afirma Louis Dumont, a respeito dos mecanismos políticos presentes no campo do individualismo moderno<sup>26</sup>, este processo poderia ser definido como "englobamento do contrário": no caso da capoeira, cada grupo alimenta estereótipos acerca dos demais, por conta da dificuldade que cada um tem em se considerar como equivalente ao outro grupo. Assim, cada um "exprime cada vez mais e de modo insubstituível um aspecto de si mesmo" (Dumont, 1985, p.126).

A diversidade construída por cada grupo, sempre é acompanhada de uma profunda transformação do elemento adotado do grupo originário do qual surgiu e ao qual busca opor-se. Se num primeiro momento o grupo Senzala, Abadá- Capoeira, Capoeira Brasil, e até mesmo o Beribazu são idênticos, ou seja, originam da mesma raiz, já num segundo momento os demais grupos se declaram opostos ou contrários ao grupo Senzala. Esses dois momentos, quando tomados em conjunto, caracterizam uma relação hierárquica entre o todo (grupo Senzala) e o elemento do todo (demais grupos citados). Pois o elemento faz parte do todo, sendo-lhe ao mesmo tempo idêntico e oposto. Tal "relação hierárquica não ocupa um lugar de honra entre nós, passamos o tempo todo a evitá-la e a procurar expressões que a contornem. Entretanto, é fácil surpreendê-la onde se menos espera".(Dumont, 1985, p.129).

Por isso causou-me surpresa que Odilon tenha tratado, na palestra, o grupo Beribazu como uma raiz terciária do grupo Senzala, pois tal informação é constantemente ignorada ou omitida aos participantes do grupo Beribazu. O livro "Capoeira. Histórias e fundamentos do grupo Beribazu" em nenhum momento revela que o fundador do grupo havia sido aluno da sede em Brasília do grupo Senzala. Esse silêncio funciona para fortalecer a diversidade que os grupos de capoeira afirmam existir entre si.

Mesmo que o grupo Quilombo Queimado tenha suas raízes na federação carioca de capoeira, e os grupos Beribazu e Abadá no Senzala, os dois últimos não se identificam entre si. Em sua monografia, Carlos Henrique Vieira, tratando a questão da violência como a construtora da identidade dos grupos de capoeira, apresenta o grupo Beribazu (do qual é mestre) como adepto à não violência, diferenciando-o dos outros dois grupos que teriam acatado este modelo.

Foi possível perceber, por meio das entrevistas que vão em anexo no trabalho de C.H. Vieira, que também os grupos Abadá e Quilombo Queimado se identificam entre si e dessa maneira se diferenciam do grupo Beribazu. Um dos entrevistados de C.H. Vieira, que representa o modelo que vê na violência uma possibilidade, assim se expressa : "(...) [es]tão agarrando, jogando para cima, é capoeira também!

Tudo é capoeira! O cara deu um soco é capoeira, o cara mordeu é capoeira!" 27. Outra identidade que estes grupos têm em comum diz respeito ao fato de terem sido educados pela capoeira, ou seja a escola deles é a capoeira. Enquanto que, no trabalho citado, CH Vieira apresenta o grupo Beribazu da seguinte maneira:

"por estar inserido no contexto universitário e pelo nível de escolaridade de seus professores é visto como um grupo de nível sócio-cultural elevado (...)"28.

O Grupo Beribazu foi fundado em 1972 no Colégio Agrícola de Brasília pelo Mestre Zulu, e sua trajetória sempre se deu por intermédio de instituições escolares.

No livro "Capoeira. Histórias e fundamentos do grupo Beribazu", o capítulo que conta a história do grupo ressalta seu caráter de instituição social que "tem personalidade jurídica constituída na forma de lei" e também enfatiza, além de seus fundamentos pedagógicos, a forte ligação do grupo com as instituições escolares. É através desse conjunto de características, que o autor busca diferenciar o grupo Beribazu dos demais. Para contar a trajetória do grupo no Espírito Santo precisei recorrer novamente às narrativas dos atores envolvidos, uma vez que são vagas as referências utilizadas no livro Capoeira. História e fundamentos do grupo Beribazu.

Quem trouxe o grupo Beribazu para o Espírito Santo foi Odilon, que aprendeu capoeira quando estudava no Colégio Agrícola de Brasília. Nas férias no Espírito Santo, ensinava a capoeira a seus irmãos, Íris e Carlos Henrique. De volta ao Estado em 73, iniciou um trabalho em Colatina, chegando em Vitória em fins de 76.

Foi a partir do trabalho na Escola de Música de Vitória, que começou o vínculo com a Universidade Federal do Espírito Santo, à medida que tal trabalho era assessorado pela sub-reitoria de assunto comunitários desta universidade. Com a iniciativa de Odilon, e o grande apoio recebido pela professora Adelsira Madeira, responsável pelo Coordenação de Folclore da UFES, deu-se início a um processo de divulgação da capoeira na Universidade e no Estado. As aulas propriamente ditas começaram entre 79 e 80, por iniciativa do irmão mais novo de Odilon, Carlos Henrique Vieira, que a princípio foi aluno do curso de economia e depois mudou para o curso de educação física da UFES.

Carlos Henrique foi o responsável pelas aulas de capoeira até o início de 1986, quando o atual professor, Fábio Luiz Loureiro, assumiu o cargo. Fábio foi aluno de Carlos Henrique, no trabalho desenvolvido na UFES e também aluno do Curso de Educação Física dessa Instituição, se empenhou na reestruturação das aulas e na maior sistematização do treinamento, e inseriu a capoeira nos jogos universitários do Espírito Santo, sendo três vezes campeões nos jogos universitários brasileiro. A clientela deste curso conta com acadêmicos da UFES, de outras instituições de ensino superior e também com muitas pessoas da comunidade, sem vínculo com as IES. Tal característica faz com que o grupo trabalhe com indivíduos diferentes, com um perfil social e

cultural diversificado. Durante o período no qual não havia cobrança de mensalidades para os iniciantes, a demanda do curso aumentou assustadoramente; nos dias de treino dos iniciantes, era preciso utilizar outras salas porque não havia espaço na sala "oficial". Esse inchaço na capoeira do Mestre Fábio acabou recebendo críticas do Mestre Odilon que alertou para os perigos de tal "reciclagem" da capoeira onde todo mundo é novo para o outro, daqui a dois meses. Hoje, com a mensalidade sendo cobrada a todos os praticantes, incluindo os iniciantes, houve uma queda na demanda e as aulas agora se restringem à sala designada no CEFD, mas o curso ainda continua sendo muito procurado.

Para quem participa do curso, o nome do grupo sempre soa como uma coisa maior, assim o que é bom para o grupo é bom para todos. Apesar desse sentimento de coesão, as tensões não se dão apenas no nível grupo/grupo, mas também na relação grupo/sujeito. Isso significa, por exemplo, a possibilidade de alguns integrantes do grupo se declararem, contra a posição do grupo, a favor da violência na roda de capoeira, admitindo "o trocar pau"<sup>29</sup> como categoria aceita pela capoeira.

Outros comportamentos parecidos ilustram a dificuldade dos grupos em trabalhar com as subjetividades de seus integrantes. Sempre se procura fazer um discurso que acaba por homogeneizar os integrantes com os seus respectivos grupos, buscando construir uma entidade única.

O Curso de Extensão de Capoeira da UFES é um projeto que vem se renovando já há muito tempo, sendo muito bem aceito, mas, no entanto, a capoeira nunca foi inserida na grade curricular dos alunos de educação física. Vamos então para a análise das entrevistas realizadas com os docentes do CEFD da UFES (sete entrevistados), com mestres de capoeira (cinco entrevistados) e com alguns alunos de IES que praticam capoeira (23 entrevistados) que permitirá evidenciar o conflito indicado.

Apliquei entrevistas qualitativas abertas para os docentes na tentativa de compreender a ausência da capoeira nas grades curriculares do CEFD da UFES<sup>30</sup>. E como muitas vezes a capoeira foi, por eles, "reduzida" a um esporte, também foram feitas perguntas na intenção de decifrar qual era o significado do esporte para os membros desse centro. Destacando o caráter elitista do esporte, quatro dos docentes entrevistados consideraram perigosa a sua identificação com a capoeira, enquanto cultura popular.

Quando os entrevistados davam sua opinião sobre o curso de extensão de capoeira, 5 expressaram uma visão positiva em relação ao curso, relacionando tal prática como um dos elementos da cultura popular, além de ressaltar a grande demanda na procura do curso de extensão da CEFD. No entanto, ao perguntar sobre as razões da ausência da capoeira na grade curricular, esta voltava a ser excluída do CEFD, como se não pertencesse ao campo de estudo do curso de educação física.

Assim a principal argumentação para recusar a inserção da capoeira nos currículos do CEFD é a não contratação do professor do curso de extensão e a ausência de um docente no centro em condições de ministrar tais aulas.

Entretanto, as respostas a seguir, desvendam o preconceito, faltando uma elaboração racional em relação ao tema capoeira. Aqui o sentido para o termo "preconceito" é o mesmo utilizado para o termo "estereótipo", ou seja, "designa convicções ou opiniões preconcebidas acerca de indivíduos ou grupos, e seus elementos mais óbvios são a simplificação e a contradição"<sup>31</sup>. Tal cognição seletiva acarreta uma "escolha limitada de características (...) e omissões - que qualificam ou desqualificam grupos e indivíduos"<sup>32</sup>, e que, por reforçar nossa percepção do outro, também implica numa definição de nós mesmos. Falamos de preconceito, de um lado, porque grande parte do saber produzido pela capoeira não faz parte do saber acadêmico, mas sim do saber popular. Então: a capoeira enquanto prática cultural tem uma organização própria que não é compatível imediatamente [...] com a estrutura educacional.

Tem seus rituais próprios, [...] por exemplo, para ser um professor de capoeira não adianta eu ter um curso superior, o importante é que eu tenha passado pelos rituais internos da capoeira. Então como compatibilizar os rituais internos da capoeira com os rituais da escola?

E, de outro lado, porque ela é vista como mais um esporte, na condição de mercadoria:

[...]Hoje quando se fala em capoeira é dança, é jogo, é luta, não é nada disso. A capoeira é um esporte, e mais do que isso, ela é hoje utilizada como mercadoria de exibição. Não vejo nada de resistência na capoeira, vejo como uma atividade, uma prática, como qualquer outra prática física. Mas nada desse idealismo aí que se fala para se justificar, se legitimar, não acredito que exista não. Ou, ainda, simplesmente por falta de interesse enquanto conteúdo, para o curso de educação física:

[...] a capoeira é um dos elementos da cultura corporal que interessa muito ao Brasil pelas suas raízes culturais, para manter a cultura brasileira. No entanto ela tornar-se disciplina do curso de educação Física é outra coisa [...] por que não o bodyboard? Por que não a asa delta? Por que não skate? Por que não patins? Por que não windsurf? Por que não remo? [...] não tinha curso que dava conta disso. [...] nós nos interessamos em formar homens e mulheres que se interessam por ser professor de educação física [...]. Parece que quando muda de papel, ou seja, deixa de ser curso de extensão para ser disciplina do currículo universitário, a capoeira deixa de ser vista como elemento da cultura corporal e assume apenas a dimensão desportiva. Dessa maneira, as argumentações utilizadas pelo CEFD têm uma sustentação frágil e contraditória, afinal o curso de capoeira é positivo, portanto aceito, apenas na condição de curso de extensão. E, quando se sugere a mudança dessa posição, desencadeia-se a

resistência do corpo docente. Será que há resistência também entre os capoeiristas?

A partir do meu contato com o grupo, que vem desde 1997, eu percebia o contrário: sempre que surgia uma oportunidade, buscava respaldo na Universidade.

Voltei ao campo, pois se tornou necessário ouvir também as opiniões dos capoeiristas sobre as relações com a universidade e o esporte. Apliquei entrevistas qualitativas aos Mestres e quantitativas (com algumas respostas semi-abertas) aos alunos de IES. As respostas sobre a capoeira como disciplina universitária comprovaram o esperado, uma vez que não encontrei nenhum sinal de resistência por parte dos capoeiristas, todos concordaram com a presença da capoeira nos currículos universitários, sendo que, entre os mestres, dois fazem algumas ressalvas em relação aos cuidados que se deve ter com o compromisso político. Entre os alunos, quatro especificaram o curso, dois restringindo-o à educação física e outros dois acreditam que a capoeira não é um conhecimento exclusivo daquela área.

Quando foi pedido aos mestres para eles definirem a capoeira, três enfatizaram seu caráter multidimensional, que inviabiliza uma definição única, tratando-a, por exemplo, como "uma arte que engloba várias outras". As respostas sobre a relação capoeira e esporte enfatizam a necessidade de mudança: três acreditam que essa deve acontecer em relação ao esporte, cuja rigidez gera uma incompatibilidade com as possibilidades da capoeira. Os outros dois mestres apontam para uma mudança entre os capoeiristas, no sentido de entrar num consenso em relação às regras. A presença da capoeira nos JUNES (jogos universitários do Espírito Santo) é vista como positiva por quatro dos Mestres, em termos de visibilidade, reconhecimento social e incentivo para aperfeiçoamento, sendo que um deles ressalta como limite, a falta de consenso nas regras. Apenas um vê a inserção da capoeira no JUNES como negativa por conta de sua ineficácia no objetivo de institucionalizá-la como disciplina universitária.

Sobre a maneira como as federações e confederação no Brasil tratam a capoeira, quatro mestres assumem posições de crítica, e apenas um é a favor, destacando a necessidade de uma normatização. Quando a questão passa a ser o curso de extensão de capoeira, as respostas dos mestres são ilustradas da seguinte maneira:

dois ressaltam que o curso não recebe o devido apoio do CEFD, outros dois acreditam ser bom para a capoeira e para o capoeirista por conta do contato com o meio acadêmico, e um afirmou não conhecer o trabalho. Quando foi perguntado sobre as razões a que eles atribuíam a ausência da capoeira como disciplina optativa na UFES, os mestres assim se posicionaram: dois acreditam ser por questões políticas, outros dois ressaltam o preconceito da CEFD em relação à capoeira, e um afirmou ser problema da falta de articulação tanto dos docentes quanto dos capoeiristas.

A maior parte dos alunos destaca na sua definição de capoeira, em primeiro lugar, sua condição de elemento da cultura popular brasileira; em seguida o fato de ser uma atividade multidimensional; e o esporte aparece muito pouco entre as respostas.

Apesar do esporte não aparecer de modo significativo na definição de capoeira, todos os alunos apoiam a capoeira nos JUNES, sendo que 17 deles apoiam integralmente e apenas 6 fazem algum tipo de ressalva. Esses resultados levam a pensar que para esses capoeiristas o esporte é uma das possibilidades oferecidas pela capoeira, mas que, em hipótese alguma, conseguiria dar conta de sua definição.

Como vimos, a capoeira por ter sua origem nas classes subalternas, é ainda muitas vezes associada aos quilombos, às maltas e marginais, e a uma cultura que é vista como um não saber. Ao lidar com a questão da institucionalização, seja na universidade ou no esporte, esbarramos inevitavelmente com o seu mito fundador.

As entrevistas, assim como o breve panorama da história da capoeira, demonstram o quanto existe uma forte associação a um estigma marginalizado. Existe, por conta disso, uma grande preocupação do capoeirista em estar na "lei", no sentido de sair dessa condição marginal e ser aceito socialmente.

Ainda hoje o "braço da lei" que mais tenta resgatar a "infratora" capoeira é Ministério do Esporte. No entanto, também como foi visto anteriormente, tratar a capoeira apenas como esporte significa castrar a sua natureza multidimensional.

Isso principalmente por conta da forma como o esporte tem sido pensado pelo saber institucionalizado. E aí podemos incluir o Poder Público (via Ministérios), que insiste pensar o esporte como produtor de atletas e "salvador da pátria" (basta analisar o discurso moral e cívico que é usado para justificar a Políticas Públicas);

E também a Academia com sua dificuldade em lidar com a relação corpo-mente espírito, limitando o corpo a um mero instrumento material.

No caso da Educação Física, a crise humanística do final dos anos 70, apesar de tentar "resgatar o que jazia de humano no esporte"<sup>33</sup>, acaba dando como alternativa para a ideologia que louva o esporte civismo a adoção de uma postura de constante alerta para os efeitos perversos do alto rendimento. No caso das Ciências Sociais também parece ainda existir uma dificuldade para pensar o esporte além de seus possíveis efeitos perversos, mesmo que alguns trabalhos, como o de Dunning (fins de 1950), já tenham apontado para essa incapacidade de lidar com a relação corpo-mente.

Se analisarmos o esporte além de suas características cívicas, perversas ou mercantilistas perceberemos seu papel como um verdadeiro sistema cultural. E dessa maneira podemos avançar no que diz respeito ao estado de estagnação geral por qual os estudos antropológicos dos esportes passa, que reflete um academicismo (uma reduplicação solene das realizações de uma tradição intelectual

estritamente definida)<sup>34</sup>. Mas como desenvolver a dimensão cultural<sup>35</sup> da análise esportiva?

Podemos inclusive ousar uma analogia com a religião, correndo o risco de realizar a traficância teórica da qual nos alerta Geertz, à medida que a paixão que envolve praticantes e espectadores é, de certa forma, religiosa. Os símbolos esportivos, a meu ver, funcionam como os símbolos sagrados definidos por Geertz. Ou seja, sintetizam o ethos de um povo e sua visão de mundo<sup>36</sup>. Mas não basta simplesmente o interesse apaixonado e a regularidade de sua prática para se dizer que um indivíduo é religioso em relação ao esporte. Mas sim que o esporte, como a religião, seja visto "como símbolos de algumas verdades transcendentais".<sup>37</sup>

E para se saber se tal analogia pode ser feita é preciso analisar o sistema de significados incorporado nos símbolos que compõem o esporte propriamente dito; para então relacionar esses sistemas aos processos sócio-estruturais e psicológicos. Estudo que ainda está para se fazer no trabalho antropológico contemporâneo.<sup>38</sup>

## NOTAS

1 SANDS, Robert. *Anthropology, sport and culture*.1999.

2 In: MAUSS, M. O ensaio sobre a dádiva. 1988.

3 LOPES, JSLeite. Ensaio bibliográfico. *Esporte, emoção e conflito social*. Revista Mana. Vol. 1, No. 1. Rio de Janeiro, 1995.

4 Lopes, 1995, p.148.

5 idem, p.142.

6 Na palestra Norbert Elias Contribution To The Sociology Of Sport, Ministrada Pelo Prof. Dr. Eric Dunning no II Seminário Internacional: Processo Civilizador, Cultura, Esporte e Lazer, Faculdade de Educação Física/UNICAMP, tendo como debatedor/organizador/produtor A.Gebara.

7 LOPES, 1995, p.155.

8 idem, p.156.

9 Entendo como institucionalização as práticas que são reguladas por lei e que visam formar um agrupamento social legitimado. De acordo com Berger e Luckmann, em *A construção Social da Realidade*, "dizer que um segmento da atividade humana foi institucionalizado já é dizer que este segmento da atividade humana foi submetido ao controle social". Vejo esse controle intituconal da capoeira como uma característica da modernidade, inserida naquilo que o sociólogo Norbert Elias chamou de "processo civilizador".

10 Letra de música da capoeira.

11 Figuras legendárias da história da capoeira, que representam marcos para o que chamamos de capoeira Angola e Regional; as classificações Angola e Regional são mais do que estilos de jogo, pois se referem a representações historicamente

datadas e que remetem a campos simbólicos diferenciados.

12 Mais precisamente: em 1972 quando foi abraçada pela Confederação Brasileira de Pugilismo; em 1974 foi fundada a primeira federação de capoeira, na cidade de São Paulo; em 1992 se cria a Confederação Brasileira de Capoeira, vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro.

13 Roda Viva. Informativo do Congresso Nacional de Capoeira.

14 Conselho Nacional de Educação Física/ Conselho Regional de Educação Física.

15 A fala desse deputado foi interrompida quando foi dito que o Presidente Lula vai dar dignidade ao trabalhador da capoeira, todos que estavam na Plenária aplaudiram, ficaram de pé e cantaram o Hino Nacional.

16 Foulcault, Michel. A microfísica do Poder. P12

17 Encontrei três trabalhos escritos sobre a capoeira no Espírito Santo, foram eles: Teodorinho Trinca-Ferro. A capoeira d'Angola como arma, de Maciel Aguiar, um livreto que reproduz o registro da história oral da cidade de São Mateus contando as façanhas de um capoeirista chamado Teodorinho Trinca-Ferro; A história da capoeira no Espírito Santo, de Luizinho Teles de Oliveira (integrante do grupo Beribazu de capoeira); e o trabalho acadêmico de Carlos Henrique Vieira (Mestre de capoeira do grupo Beribazu) intitulado Capoeira: a construção da diversidade.

18 Apesar do fato de conhecer alguns dos dilemas que rodeiam a capoeira ter ajudado bastante para trilhar o caminho da problematização, manter a distância ficava mais difícil, o que aparece na familiaridade no trato das entrevistas

19 Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha no Rio de Janeiro e professor de educação física, escreve em 1962 o livro Capoeira sem Mestre. Neste livro ele buscava implementar a capoeira, superando as restrições que, a seu ver, existiam na Angola e Regional.

20 Existem algumas controvérsias nos depoimentos sobre quem foi o mestre de Diabo- Louro. Segundo Odilon ele nunca foi aluno de Bimba, já Luizinho Teles diz que ele foi aluno de Pastinha e Ezequiel.

21 O dueto Angola/Regional é palco para infindáveis discussões. Alguns capoeiristas se intitulam Angoleiros, outros como praticantes da Capoeira Regional e há, ainda, aqueles que se intitulam jogadores de uma capoeira Contemporânea (onde a dualidade Angola/Regional seria imperceptível). No Espírito Santo não existe uma tradição da Capoeira Angola, o que me fez acreditar por muito tempo numa suposta invisibilidade da dualidade Angola Regional, afinal quem joga Regional e Contemporânea também joga Angola. Mas diferente do Espírito Santo, em Florianópolis se percebe uma forte tradição da capoeira Angola, o que me fez repensar todas essas noções

classificatórias sobre as formas de se praticar capoeira que, além de extrapolar o assunto tratado por este artigo, merece uma atenção exclusiva.

22 As informações a seu respeito são baseadas no trabalho de Luizinho Teles de Oliveira, e no trabalho de C.H. Vieira.

No último existe uma entrevista cedida pelo próprio Mestre Caio contando sobre sua trajetória enquanto capoeirista no Espírito Santo.

23 Luiz Paulo Lima Nunes foi formado Mestre pelo grupo Senzala e Rogério Sarlo de Medeiros Filho (Capixaba), pelo grupo Abada.

24 Foi a partir da cisão do grupo Senzala, em 1988, que foi fundado o grupo Abadá-Capoeira, e da cisão deste último o grupo Capoeira Brasil (em 1989).

25 Esse depoimento é por demais contestado por outros Mestres do grupo Beribazu, inclusive pelo próprio mestre Zulu que não gosta de ser referenciado como ex-aluno de Tabosa, por não concordar com muitos de seus procedimentos.

26 DUMONT, Louis. O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

27 VIEIRA, 1991, p.83.

28 \_\_\_\_, 1991, p.79.

29 Situações onde o jogo fica mais agressivo e violento.

30 Pode-se perguntar: se a capoeira é entendida como interdisciplinar, porque caberia ao CEFD inseri-la em sua grade curricular? Simplesmente porque é por meio de um projeto deste centro que a capoeira está dentro da UFES desde 1977.

31 SEYFERTH, G. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. 1995, p.184.

32 \_\_\_\_. Idem. 33 SANTIN, Silvino. Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 1995.

34 Seguindo sugestão de Geertz em relação a sua crítica aos estudos antropológicos da religião (p.102).

35 Entende-se cultura aqui à luz da definição dada por Geertz: "um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" ( p.101).

36 Ethos de um povo é "o tom, o caráter, e a qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos"; e visão de mundo é "o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem". P.103

37 Geertz, p.113 38 Ainda seguindo a sugestão de Geertz para o estudo da religião (p.142).